

KENZABURO OE

A substituição
ou As regras do Tagame

Tradução do japonês
Jefferson José Teixeira



SUMÁRIO

Prólogo

As regras do Tagame 11

Capítulo I

Cem dias de *quarantine* (Parte I) 55

Capítulo II

Essa coisa frágil denominada ser humano 91

Capítulo III

Terrorismo e gota 133

Capítulo IV

Cem dias de *quarantine* (Parte 2) 171

Capítulo V

Tartaruga experimental 203

Capítulo VI

Os *voyeurs* 241

Epílogo

O livro ilustrado de Maurice Sendak 293



PRÓLOGO

As regras do Tagame

1

“... É isso. Agora estou me transferindo para o outro lado.” Após a declaração que Kogito ouviu com atenção pelos fones de ouvido, deitado na cama de campanha da biblioteca, um baque surdo de queda reverberou. Um instante de silêncio transcorreu antes de Goro prosseguir: “Porém, nossa comunicação não se interromperá. Para tanto, preparei expressamente o sistema do Tagame. Mas já deve ser tarde do seu lado. Durma bem!”

Sem compreender a mensagem, algo semelhante a uma dolorosa tristeza invadiu Kogito, parecendo dilacerá-lo das orelhas até o fundo dos olhos. Após algum tempo nesse estado, repôs o Tagame na estante e procurou dormir. Em instantes conseguiu pegar no sono, devido também ao efeito do antigripal que havia tomado, e, ao ser despertado por um leve ruído, viu a cabeça da esposa brilhar sob a pálida luz fluorescente do teto oblíquo da biblioteca.

— Goro se suicidou. Pretendia sair sem acordá-lo, mas como quero evitar que Akari se assuste com a profusão de telefonemas da mídia... — assim Chikashi comunicou o incidente ocorrido com o irmão, amigo de seu marido desde os dezessete anos. Kogito

aguardou relutante o Tagame adjacente a sua cabeça lhe enviar “sinais” queixosos à guisa de um celular recebendo ligação.

— Pediram a Umeko para identificar o corpo. Vou acompanhá-la — prosseguiu Chikashi com a voz embargada.

— Vou e fico com você até se reunir com os familiares de Goro. Depois, volto sozinho e permaneço de plantão atendendo as ligações — respondeu Kogito, sentindo-se também anestesiado. — Ainda deve demorar um pouco até os telefonemas começarem.

Chikashi mantinha-se de pé, calada, sob a luz fluorescente. Observou atenta o marido levantar da cama e vestir morosamente a camiseta de baixo, a camisa de lã e as calças de veludo — era pleno inverno — postas sobre a cadeira. Ao terminar de passar o suéter pela cabeça, Kogito sugeriu “Vamos então” e estendeu o braço na direção do Tagame.

— De que adianta levar isso? — A voz firme da esposa o tolheu. — Não é o gravador que você usa para ouvir as fitas cassete que Goro lhe enviou? Logo você que costuma se irritar quando alguém age com insensatez?

2

No trem a caminho para a piscina — mesmo próximo dos sessenta continuava a frequentá-la —, Kogito percebia ocasionalmente ser a única pessoa usando um gravador desse tipo antigo. Às vezes,

notava algum homem de meia-idade ouvindo algo e movendo os lábios, e deduzia estar concentrado em alguma fita de conversação em inglês. Até pouco tempo, os vagões viviam lotados de jovens ouvindo música, mas agora todos falavam pelo celular ou moviam os dedos ágeis de olhos grudados na tela do aparelho. Kogito até sentia saudades dos ruídos agudos e irritantes que vazavam dos fones de ouvido. Hoje em dia, mantinha seu gravador pré-Walkman dentro da mochila, dissimulado em meio aos apetrechos de natação, com os fones de ouvido sobre seus cabelos grisalhos. A ele restava apenas a sensação de ser um solitário exemplar de uma velha geração desatualizada.

O gravador de fitas cassete de modelo antigo havia sido um presente recebido por Goro quando participou, ainda como ator, de um comercial para um fabricante de produtos eletrônicos. Enquanto o aparelho era do tipo mais comum, sem atrativos em particular, de corpo retangular e design trivial, o formato dos fones de ouvido se assemelhava ao dos besouros aquáticos, os *tagame*, que Kogito costumava pegar quando criança nos córregos bosque adentro. Kogito confessou a Goro sentir como se tivesse, agarrado de cada lado de sua cabeça, um daqueles inúteis besouros.

— Isso apenas confirma a sua ausência de talento quando criança para capturar enguias ou trutas — declarou Goro com indiferença. — Apesar de tardio, este é o meu presente para aquele menino lastimável. Chame de Tagame ou dê o nome que quiser, e use como consolo para aquela criança que ainda resiste dentro de você.

Goro pareceu se dar conta de que carecia de criatividade presentear apenas com o Tagame um velho amigo e, ainda por cima, cunhado. Mostrando sua aptidão para colecionar quinquilharias,